

HORÁCIO E O *MOS MAIORVM*: O CONTROLE DA MULHER COMO CONDIÇÃO DA REESTRUTURAÇÃO ROMANA¹

Allan Camuri²

Resumo: Durante o período augustano, uma série de reformas políticas e morais alteram as estruturas vigentes. O poeta romana Horácio apresentou, em diversos poemas, a questão da mulher, relacionada ao contexto romano. Busco, no presente artigo, indagar sobre as representações da mulher em Horácio e de quais formas o controle destas está vinculado a perpetuação do *Mos Maiorvm*, em meio ao principado de Augusto.

Palavras-chave: *Mos Maiorvm*, Horácio, Principado, Mulher

HORACE AND THE *MOS MAIORVM*: THE CONTROL OF THE WOMAN AS CONDITION OF THE ROMAN RESTRUCTURING

Abstract: During the augustan period, a series of political and moral reforms altered the current structures. The roman poet Horace presented, in many poems, the question about the woman, related with the roman context. I seek, in the present article, inquire about the woman representation in Horace and how their control is related to the spread of the *Mos Maiorvm*, in augustan principate context.

Palavras-chave: *Mos Maiorvm*, Horace, Principate, Woman

Uma das principais características da difusão da ideologia do principado augustano é a “salvação” da *urbs* romana através do *Mos Maiorvm*, o costume dos ancestrais. O estado que havia ascendido e os corpos que o concedia suporte, tais como elites religiosas e grande parte dos intelectuais, difundiram de forma gradual uma série de alterações nas estruturas culturais romanas e nas mentalidades dos cidadãos. Essas modificações eram mascaradas pelo seguimento do *mos maiorvm*, considerado, por muitos, perdido, durante fases que precederam o governo de Otávio Augusto, o que havia provocado as perturbações espirituais em Roma. No período augustano, a ressignificação do *Mos Maiorvm* traz uma valorização do passado como modelo (MOATTI, 2008, p. 34), mesmo que esse passado seja forjado com determinados objetivos.

¹ Esse trabalho é oriundo da minha pesquisa de conclusão de curso da graduação, na qual investiguei a interligação entre criminalização da magia e sujeição da mulher na literatura horaciana, sob orientação do Professor Dr. Thiago de Almeida Lourenço Cardoso Pires, na Universidade Veiga de Almeida (UVA).

² Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH/UERJ) e pesquisador do Núcleo de Estudos da Antiguidade (NEA). Atualmente trabalha com as relações políticas e econômicas entre o Egito e a Grécia entre os séculos VII e V A.E.C., sob orientação da Professora Dra. Maria Regina Candido.

Horácio fez parte do círculo de poetas ligados a Otavio Augusto, ainda antes desse se tornar o *princeps*. “Virgílio e Horácio acrescentaram um novo acento: o amor à pátria, a angústia que sentiram no meio dos distúrbios, a esperança que lhes trouxeram, primeiramente César e depois Otávio, puseram tudo isso em poemas de uma beleza soberana.” (GRIMAL, 2011, p. 126). Os poetas, assim como a religião, foram uma faceta importante de perpetuação da revolução augustana. Segundo Pierre Grimal (2008, p. 72):

A obra política de Augusto, por muito genial que ela fosse, não poderia escapar à lei comum; estaria votada a perecer se não ligasse o seu destino às únicas criações humanas capazes de atravessar os séculos. Afinal de contas, é até bastante indiferente que os poetas se recusem a cantar o próprio Augusto nos seus versos, se nestes versos se encontra não o elogio cortesão de um senhor, mas o espírito da “revolução” augustana, que ultrapassa infinitamente a própria pessoa de Augusto e procura a sua inspiração no sentimento quase religioso da grandeza e da missão de Roma.

Horácio se insere no grupo de perpetuadores da ideologia augustana. Entretanto, parte do apoio que Horácio concede à Augusto em suas obras pode ser entendido não apenas por que o poeta simplesmente o via como um salvador, mas por que, em sua concepção, o período augustano havia promulgado uma fase de pacificidades em detrimento do contexto caótico anterior, dominado pelas guerras civis. Horácio apreciava as festas, os banquetes, o vinho e a companhia de amigos, algo que, com Augusto se mantendo no poder e promovendo a manutenção da ordem e da paz romana, poderia ser recorrente.

Durante o principado augustano, Horácio se torna próximo a Augusto. Entretanto, suas críticas a diversos aspectos da sociedade são presentes em obras escritas até mesmo antes desse período. As turbulências ocorridas durante as guerras civis perturbavam a mente do poeta, assim como outros elementos presentes na sociedade que se chocavam contra as suas crenças. Podemos, desta forma, determinar que algumas de suas críticas não são simplesmente propaganda augustana ou denegridoras de elementos que se opõem ao programa de reforma e reestruturação da *urbs*, mas possuem as concepções individuais de Horácio acerca da sociedade. Seria reducionista destacar Horácio como um simples porta-voz do programa augustano. Ele poderia manter tal característica, contudo, suas críticas transcendem esta questão, demonstrando também as particularidades do poeta.

É certo que Horácio exalta Augusto e o estado romano em muitas de suas obras, porém, “Horácio oferece elogio ao mesmo tempo que mantém uma posição de independência, o que faz com seus elogios sejam ainda mais valiosos”. (LOWRIE, 2007,

p. 89). Michele Lowrie compreende a maior valorização de Augusto nas obras de Horácio, mesmo sendo este independente em muitas formas, pois isso demonstra que o poeta não estava apenas seguindo o programa de reformas e exercendo uma propaganda do estado romano, mas realmente admirava o governante pelo esforço em manter a ordem e marginalizar elementos aos quais Horácio também criticava.

Ao longo de sua vida, Horácio nos deixa uma série de informações sobre si mesmo e suas visões de mundo, assim como também uma série de documentos que nos remete a acontecimentos históricos importantes para a civilização romana. As representações femininas na literatura horaciana são constituídas a partir de diferentes posicionamentos por parte do poeta. A mulher casada, assim como as vestais³ por exemplo, não são alvos das críticas do poeta, exceto quando se trata de questões relacionadas ao adultério ou ao sexo. Horácio, porém, deixa exposto em diversos trechos de diferentes poemas, seu posicionamento perante ao que seria considerado irregularidades no comportamento feminino. De acordo com Semíramis Corsi Silva (2009, p. 80):

Horácio valoriza a mulher, mas aquela que é digna junto ao homem, ressaltando desta maneira os valores da família, visto que esta instituição era a que mais sentia os efeitos de uma situação de decadência moral pela qual os homens romanos da elite da época acreditavam passar as mulheres romanas.

Como veremos, de acordo com Horácio, as mulheres que fugiam dos padrões romanos poderiam representar uma ameaça à *virtus*⁴ romana. Em diversas de suas obras, Horácio demonstra diferentes posicionamentos acerca do gênero feminino. Em alguns trechos de suas Odes, Horácio mostra-se favorável ao controle feminino através do casamento e da dominação masculina. A ode III.VI de Horácio é relativamente precisa em relação à interligação entre a reestruturação da sociedade romana e a sujeição da mulher ao casamento.

Sem Culpas pagarás, romano, os crimes/ De teu país, é que os templos decadentes/ Restares, e os deuses as estátuas/ Com negros fumo torpes.⁵ (HORÁCIO, Ode III. VI, 01 – 04).

³ Segundo Mary Beard, John North e Simon Price (1998, p. 51), as virgens de Vesta formavam o único grupo religioso exclusivamente feminino em Roma, possuindo atribuições únicas e punidas com a morte caso perdessem a virgindade. Eram responsáveis pela manutenção do fogo sagrado do templo de Vesta.

⁴ Por *Virtus*, entendemos como sendo o caráter guerreiro do homem romano. *Virtus* pode ser aplicado também no sentido de prosperidade de Roma no que tange suas relações com os deuses e com o poder político vigente.

⁵ Todas as citações referentes às **Odes** de Horácio na presente pesquisa foram traduzidas do original em latim por Elpino Duriense.

Aqui, Horácio comenta a respeito do tormento e das turbulências dos espíritos em Roma no contexto das guerras civis e da necessidade de os cidadãos restaurarem os templos que estejam decadentes e as estatuas das divindades. Horácio criminaliza os próprios romanos pelos desastres ocorrentes em Roma durante fins do período republicano. O poeta fala também a respeito da fúria dos deuses perante os homens no contexto de desestabilidade da *urbs*:

Imperas, porque te hás menor que os deuses:/ daqui todo o princípio,
aqui refere/ O fim. Mil males desprezados deuses/ A triste Espéria
deram./ Já de Monese e de Pácoro a tropa/ Rechaçou duas vezes nosso
ataque,/ Mal agourado; e com o despojo brilha,/ Que aos pequeno
colares/ A juntou, A cidade o Dácio e o etíope/ Em volta em sedições
quase extinguiram:/ Por mar terrível este, aquele insigne/ Nas setas de
arremesso. (HORÁCIO, Ode III. VI, 05 – 16).

Horácio enaltece a glória dos deuses e fala em como eles são os responsáveis pela promoção da prosperidade e da estabilidade romana, tendo os cidadãos que manterem relações positivistas através do culto às divindades e de comportamentos padrões. Nos versos, os deuses se vingam de cidades e indivíduos que contrariaram as ordenações divinas, o que nos remete a uma crença de Horácio em que, através das guerras civis, os deuses se vingaram da *urbs* romana devido as falhas dos cidadãos. Uma dessas falhas, segundo Horácio, pode ser identificada ainda na ode III.VI, quando esse diz:

Os séculos fecundos de maldade/ Núpcias primeiro, casas e famílias/
Mancharam: desta fonte o mal correndo/ Inundou pátria e povo. / A
donzela aprender folga/ Jônicos bailes, e se amolda às artes/ Já de
agradar, e desde tenra idade/ Impuro amor só pensa. (HORÁCIO, Ode
III. IV, 17 – 24).

Nesses versos, Horácio crítica o ato sexual feminino antes do casamento e demonstra como ele pode ser uma fonte maléfica que desenvolve o mal para o cidadão e para a cidade romana. A corrupção da família padronizada, devido justamente a essa fuga de um comportamento normatizado por parte de determinadas mulheres, para Horácio, fora um dos motivos que fomentaram a fúria dos deuses e o advento das guerras civis. A aproximação das donzelas às artes e da liberdade, assim como seu pensamento em amores impuros desde a juventude, desembocam, para Horácio, uma desestabilização da *virtus* romana, algo que fora muito claro para o poeta em períodos precedentes ao principado augustano.

A reforma do *mos maiorvm* promovida pelo estado romano em períodos do principado augustano, exerce modificações legislativas nas estruturas familiares. O casamento passa a ser incentivado, além de haver promulgações de leis contrárias as práticas de adultério. A mulher livre passa a ser algo visto como negativo pelo estado, precisando ser dominada pelo homem através do casamento, sendo controlada e contribuindo para a prosperidade da *urbs*. Horácio é claramente favorável a essa ideia, concordando com os ditames estatais de Roma. Segundo Claudia Beltrão (2008, p. 141) a ode III.VI de Horácio “aponta para o futuro de Roma e, nele, a sujeição da mulher é um fator essencial para a educação dos homens na *virtus*.”. A impureza do amor que Horácio se refere, trata-se de relações não conjugais, mesmo que não haja adultério por ambas as partes do relacionamento. Sendo assim, a liberdade do amor feminino representa uma força contrária a moralidade necessária para a reestruturação a sociedade romana após as guerras civis.

O mundo feminino, para Horácio, é sujeitado à *fortuna* (BELTRÃO, 2008, p. 145), que significa, segundo Claudia Beltrão (2008, p. 133),

Vocábulo feminino substantivado do adjetivo *fortunus*, empregado tanto no singular quanto no plural, temos um termo oposto a *ratio* (pensamento, razão), remetendo-se ao acaso, à boa ou à má sorte. Ressalta-se que, no vocabulário naval romano, o termo e a sua forma divinizada, *dea Fortuna*, ligava-se às tempestades que levavam aos naufrágios.

Para a ideologia Horaciana, assim como para as concepções estatais acerca da família, a *fortuna*, ligada ao feminino, poderia trazer o tormento e o caos para a *virtus* romana. A mulher então, deveria ser submetida a uma realidade ao qual não permita a ela ser completamente livre. Segundo Sarolta A. Takács (2008, p. 16 – 17):

A mulher precisava ser controlada para que garantisse a estabilidade sociopolítica e socioeconômica. Para isso, era necessário que a mulher fosse uma esposa fiel, mãe ou filha e que se mantivesse dentro de normas sociais e culturais, tornando-as mais suscetíveis ao controle. Um aspecto importante é que essas mulheres que seguiam esses ideais serviam como modelos de boa mulher romana.

Para Horácio, a felicidade consistia na restauração da antiga *virtus* que fora abalada pela *Fortuna* (BELTRÃO, 2008, p. 133). Como vimos na ode III.VI, Horácio enxerga a liberdade feminina como promotora do caos e da desordem, tendo de ser controlada pela *virtus* masculina através do casamento. A disparidade entre o sexo

masculino e o feminino é representada na ode III.III de Horácio. Em relação a estabilidade masculina, o poeta diz:

Ao Varão justo e na tensão constante/, Nem do povo o ardor, que o mal ordena/ Nem do tirano, que insta, o torvo aspecto/ Do firma peito abala, / Nem austro, que o inquieto Adria turba, / Nem grão dextra de Jove fulminante:/ Se entrelado cair o orbe, ferem-no/ As ruínas impávido. (HORÁCIO, Ode III.III, 01 – 08).

A figura masculina, para Horácio, resiste às diversas forças que vão contra o seu favor, se mantendo firme perante os tormentos inevitáveis da vida. Nos versos, a palavra “varão” pode ser entendido como um homem resistente as forças opositoras, um indivíduo que se mantém firme mesmo quando a circunstância lhe é contrária. A resistência masculina, para Horácio, é capaz de suportar a tirania e a irá do povo. O homem é capaz até mesmo de resistir à fúria dos deuses, algo perceptível quando o poeta fala a respeito da irá de Júpiter, onde nem essa é capaz de derrubar o varão (BELTRÃO, 2008, p. 137). Já a figura feminina, ao contrário do varão, é responsável pela destruição. No poema de Horácio, a culpa de Ilion virar cinzas recai sobre a deusa Juno⁶:

Fugiu Quirino: quando Juno aos deuses/ Falou grata em conselho: a Ilio./ Juiz fatal e incerto, e a moça estranha/ Em cinzas converteram; (HORÁCIO, Ode III.III, 17 – 20).

No poema, Juno fala também sobre uma das razões pelo qual veio a provocar a destruição de Tróia:

[Juno]: Condenada por mim, e pela casta/ Minerva com esse povo, e ao fraudulento/ Chefe, depois que os deuses Laomedonte/ Negou devida paga (HORÁCIO, Ode III.III, 21 – 24).

Laomedonte, rei de Tróia, segunda a narrativa de Horácio, havia negado sua dívida aos deuses e ido contra a vontade de Juno e Minerva. Como podemos identificar nos versos, Juno conta com o auxílio de Minerva na destruição de Tróia. Horácio fala constantemente em seu poema sobre o caos que ambas causaram na cidade. Tanto na religião grega quanto na romana, os deuses possuíam características humanas, podendo ser impetuosos, rancorosos, amorosos, invejosos e possuindo diversos outros sentimentos humanos. Tanto Juno quanto Minerva, de acordo com os versos escritos por Horácio, não demonstram arrependimento na destruição de Tróia, além de possuírem um ímpeto

⁶ De acordo com a mitologia, Juno fica furiosa após Paris escolher Vênus a deusa mais bonita ao invés de ela ou Minerva. Devido a isso, Juno passa a odiar Tróia e os troianos.

rancoroso e frio, o que representaria, através da figura divina, o caos e a desestabilidade do gênero feminino e o que esse poderia provocar em Roma caso não fosse controlado. No poema de Horácio, Juno ainda diz que:

[Juno]: Mas aos quirites belicosos dito/ Os fados com tal lei; que por mui pios,/ Em si fiados, renovar não queiram/ De avita Tróia os tetos/ Com mau agouro se renasce Troia,/ Terá com triste estrago outra igual sorte./ Guiando eu mesma as tropas vencedoras/ Esposa e irmã de Jove/ Se Febo o bronezo muro alçar três vezes,/ Três vezes cairá por meus argivos;/ Três vezes a mulher cativa o esposo/ Há de chorar, e os filhos. (HORÁCIO, Ode III.III, 54 – 67).

Aqui, a deusa Juno relata que não havia a possibilidade de Tróia ser restaurada, pois iria sucumbir novamente pela fúria da deusa. De nada adiantaria a resistência de Febo, filho de seu irmão e esposo Júpiter com uma outra mulher, pois mesmo que esse tentasse se manter firme perante a destruição, iria declinar assim como a cidade. A destruição da cidade de Tróia por Juno representa a fúria do gênero feminino e o caos que a mulher pode propagar. Na ode III.VI, Horácio demonstra a necessidade do controle sob a mulher e na ode III.III podemos ver, através das representações de Juno e Minerva, o que a mulher incontrolada e furiosa poderia provocar de acordo com a visão do poeta (BELTRÃO, 2008, p. 141).

O controle da mulher, almejando a prosperidade da *virtus* romana, também é defendido por Horácio em seu *Carmen Saeculare*, hino celebrado por um coro para homenagear os jogos seculares de 17. Augusto restaura os jogos seculares para homenagear a fundação de Roma, o que fora utilizado também como um mecanismo de legitimidade. Horácio foi o poeta responsável por compor o canto que seria recitado por um coro durante a celebração. Ao longo do canto, Horácio comemora o período de paz que havia prosperado em Roma após a vitória de Augusto na batalha do Ácio, ao mesmo tempo que retrata elementos que poderiam provocar o desequilíbrio da *virtus* romana e como isso poderia vir a ser revertido. Em um extrato do canto, Horácio expressa:

Tu que abres o seio materno à crença madura para a vida, Benfazeja Ilitia, Lucina, ou Genitale⁷, seja qual foi o nome por que prefiras ser invocada, protege as mães, multiplica as nossas famílias, faze prosperar os decretos do senado a favor dos casamentos, e fomenta a lei conjugal fecunda em novos descendentes, de modo que, decorridos cento e dez anos, se renovem estes cantos e estes jogos celebrados por numerosos

⁷ Diferentes nomes que se referem à uma mesma divindade, considerada essa responsável pelo parto, fecundidade e gestação.

netos, durante três dias e três noites de alegria.⁸ (HORÁCIO, *Carmen Saeculare*, 1941, p. 149).

Os termos que Horácio concebe como sendo necessários para a manutenção da prosperidade romana, são a padronização das estruturas familiares e o resgate do *mos maiorvm*. Horácio defende as leis conjugais propagadas pelo estado, que incentivam o casamento, desqualifica o adultério e concebe às relações amoras envolvendo o feminino uma unicidade matrimonial, onde a mulher deve ser exclusivamente ligada a um indivíduo, que seria esse o marido, sendo o adultério feminino punido, inclusive de forma mais severa que a traição masculina. No canto secular, Horácio suplica à deusa Lucina para que essa faça com que as emissões legislativas do estado relacionada às questões familiares prosperem, emissões essas, que objetivam o controle da mulher através do domínio masculino.

Como podemos verificar, Horácio, sendo favorável a política de moralização augustana, se mostra adepto as leis que Augusto emite a respeito da dominação do feminino através do casamento. Claudia Beltrão (2008, p. 143) diz que a “restauração” do *mos maiorvm* tinha como um dos mecanismos justamente a sujeição do feminino, onde a mulher deveria estar ligada a apenas um homem, permanecendo fiel a ele. Nos trechos analisados, podemos identificar uma inferiorização em relação ao gênero feminino, onde esse seria incapaz de contribuir para a estabilidade da *virtus* romana estando em liberdade, tendo que necessariamente ser sujeitado ao domínio masculino e controlado pelo estado.

Horácio apresenta em seus poemas a hierarquização do gênero no seio da sociedade romana. Para a visão do poeta, a mulher significa uma ameaça para a *virtus* romana, podendo promover o caos e a desordem que desestabilizariam o império. A revolução augustana, sob a égide do *Mos Maiorvm*, é seguida por Horácio. Entretanto, como já debatido, o poeta não é manipulado ou serve como um porta-voz das reformas espirituais e morais romanas. As críticas ao feminino, assim como a diversos outros elementos socioculturais, são fruto das próprias ideias e crenças de Horácio, que vê em Augusto a força capaz de trazer a ordem para Roma, sendo suas políticas, propagadoras dos ideais morais da mente do poeta.

Referências

Documentos textuais

⁸ Os trechos da *carmen saeculare*, citados no presente artigo, foram traduzidos do original em latim em verso para o português em prosa por Francisco Antônio Picot.

HORÁCIO. *Obras completas*. Tradução de Elpino Duriense, José Agostinho de Macedo, Antonio Luís de Seabra e Francisco Antonio Picot. São Paulo: Edições Cultura, 1941.

Bibliografia

BEARD, Mary; NORTH, John; PRICE, Simon. *Religions of Rome: A history*. Vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

BELTRÃO, Claudia. *Fortuna, virtus e a sujeição do feminino em Horácio*. Phoênix 14, Rio de Janeiro, 2008, pp. 130-146.

GRIMAL, Pierre. *O século de Augusto*. Lisboa: Edições 70, 2008.

_____. *História de Roma*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

LOWRIE, Michele. *Horace and Augustus*. In: HARRISON, Stephen. (Org). *The Cambridge companion to Horace*. Cambridge: Cambridge university press, 2007. P. 77 – 89.

MOATTI, Claudia. *La razón de Roma: el nacimiento del espíritu crítico a fines de la República*. Madrid: A. Machado Libros, 2008.

SILVA, Semíramis Corsi. *História de gênero e império romano: mulher na poesia de Horácio (65 – 8 a.C.)*. Revista *Chrônidas* v1 n3, Goiás, 2009, pp 68 – 89.

TAKÁCS, Sarolta A. *Vestal virgins, sybils and matrons: women in roman religion*. Texas: University of Texas press. 2008.